

Aos 72 anos, Abílio faz lance agressivo

Numa fase em que a maioria se aposenta, empresário compra maior rede de eletroeletrônicos e móveis do País

**Patrícia Cançado
Marili Ribeiro**

Nos últimos tempos, o empresário Abílio Diniz tem repetido aos amigos mais próximos: "Se eu parar agora, que exemplo vou dar para meu filho, que acabou de nascer?" Miguel completou ontem um mês de vida. Enquanto sua mulher Geysa dava à luz o menino, Diniz escrevia mais um capítulo decisivo da sua história empresarial. Aos 72 anos, enquanto a maioria dos empresários já se aposentou, ele estava muito perto de se tornar o rei dos eletroeletrônicos no País. "O Pão de Açúcar entrou nesse mercado para ser o maior. Desde o começo, era essa a ideia", afirma o "banqueiro" de Diniz, Pércio de Souza, sócio da butik de fusões e aquisições Estáter. "O Abílio está animadíssimo."

O primeiro contato com Michael Klein foi há cerca de 90 dias, logo após a compra do Ponto Frio. Diniz procurou Klein, falou do seu interesse e o dono das Casas Bahia ficou de pensar. Um mês depois, as negociações se intensificaram. Há pouco mais de 15 dias, os dois empresários se acertaram. Mas apenas verbalmente. Segundo fontes do mercado, a saída de Saul Klein do negócio no ano passado, após uma bri-

ga com o irmão, teria motivado Michael a se associar a Diniz. Para ficar com a parte do irmão, Michael teria assumido dívidas acima de R\$ 1 bilhão. Ele nega essa relação. "Para nós, é uma oportunidade de investimento. Essa fusão é salutar", disse.

As Casas Bahia foram avaliadas em R\$ 6 bilhões, embora o Pão de Açúcar não tenha desembolsado nenhum centavo. Não houve auditoria. O contrato prevê que, se houver contingências fiscais, o vendedor arca com os custos. O mesmo vale para surpresas positivas.

Para evitar o vazamento do negócio, o arremate foi feito na casa do banqueiro de Diniz. O fundador das Casas Bahia, Samuel, também participou. "Ele não só participou, como distribuía seu cartão de visitas, que é bastante original por ser plastificado", conta Enéas Pestana, diretor financeiro do Pão de Açúcar.

Nas semanas seguintes, os escritórios de advocacia entraram no jogo para discutir os contratos e as questões de concorrência. O escritório Tozzini-Freire Advogados conduziu a operação pelas duas partes. "Tínhamos um relacionamento com os Klein e com o Pão de Açúcar", diz Darcy Teixeira, sócio do TozziniFreire. Para

manter o sigilo, só Teixeira e Syllas Tozzini participaram das conversas. As últimas reuniões ocorreram no escritório da Estáter. No começo da semana, Diniz e seus assessores fizeram um bate-volta para Paris para apresentar o negócio à rede francesa Casino, sócia do Pão de Açúcar.

A operação não seria anunciada nesta semana, mas uma negociação atípica das ações da Globex na quinta-feira forçou Diniz a adiantar o anúncio. A Globex teve, em média, 16 negócios por dia no último mês. Um dia antes do anúncio, esse número subiu 608%, segundo dados da empresa de informações financeiras Economática. "Uma pessoa deve ter se beneficiado da informação, mas vão descobrir logo quem foi", diz uma fonte próxima à companhia. "O free float (quantidade de ações na mão do mercado) da Globex é muito baixo."

A fusão foi assinada ontem, às 6h30 da manhã, e divulgada ao mercado às 11h. No seu Twitter, Diniz conta que estava a caminho da França. "Quando sobrevoávamos Salvador, me pediram para voltar." Quem pediu foi Pestana, que havia recebido um fax da BM&FBovespa cobrando as oscilações atípicas da Globex. ●

COLABOROU LEANDRO MODÉ